

RETALHOS DA VIDA DO DR. MACHADO GUERREIRO

MARIA FERNANDA ALEGRIA¹

Pelas décadas de 1960 a 1980 a ligação da licenciatura em Geografia, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, ao Centro de Estudos Geográficos (CEG) era, porventura, ainda mais estreita do que actualmente: o espaço era comum, estruturas como a biblioteca, a sala de desenho, a fototeca, e a mapoteca, apoiavam mais os alunos e os professores da licenciatura em Geografia, do que quaisquer outras pessoas. A secretaria do Centro (como então se dizia) não fugia à regra. Dirigida pelo Dr. Machado Guerreiro, da sua velha secretária situada à direita da entrada, era a recepção, e por vezes a sala de espera, de alunos, professores e visitantes nacionais e estrangeiros, o posto de informações², o local para uma rápida chamada telefónica, a passagem obrigatória para se requisitarem mapas, fotografias aéreas ou outras, pedir fotocópias, comprar a *Finisterra* e outras publicações do Centro, textos de apoio de algumas disciplinas, etc. Será difícil encontrar alunos de Geografia da Faculdade de Letras que não tenham utilizado a secretaria do Centro e, com muita probabilidade, alguns dos múltiplos préstimos do Dr. Machado Guerreiro³.

Sintetizar os principais traços desta personalidade não é fácil – nem é esse o propósito –, mas nesta homenagem são justificáveis palavras como “humilde”, “perseverante”, “minucioso”, “enigmático”.

Muitos alunos, funcionários, e professores tratavam-no ainda pelo “Senhor Machado Guerreiro”, pois a licenciatura em Filologia Românica, impulsionada pelo Professor Orlando Ribeiro, tinha sido conseguida há menos anos do que a sua quase propecta idade podia fazer crer (datava do ano lectivo de 1967/68). Como era modesto, não fazia alarde do título e pouco se importava com a maneira como as pessoas se lhe dirigiam. Ele considerava que valia pelo que era como pessoa, menos pelos graus que obtivera.

¹ Investigadora do Centro de Estudos Geográficos. E-mail: mfalegria@netcabo.pt

² O próprio A. Machado Guerreiro lembra, num texto sobre a “Vida do Centro”, publicado na *Finisterra* n.º 25, 1978, que era vulgar os professores e assistentes deixarem em cima da sua mesa informações como esta: “avisar o aluno x que, depois de amanhã, não posso dar aula”.

³ Retomando palavras do próprio A. Machado Guerreiro: “A *Secretaria*, naturalmente, não discrimina tarefas. É secretária, é contabilidade, é tesouraria e pagadoria, é central telefónica e economato, é arquivo e é livraria, é cérebro de permutas e ofertas de livros e mapas, é secção de embalagens e expedição, secção de compras, secção de trabalhos tipográficos desde a dactilografia até à ordem de impressão, e é também a sede administrativa das 6 Linhas de Acção “ (*Finisterra*, XV(29): 129, 1980).

Punha no que fazia o seu melhor, não pelo prestígio, mas porque assim devia ser. Era um homem humilde pela origem e sobretudo pela forma de ser e de estar na vida.

Às duas em ponto lá estava ele na sua secretária, para uma tarde de trabalho até às oito. Trabalho de direcção da secretaria, de investigador na Linha de Acção de *Recolha e Estudo de Literatura Popular Portuguesa*, dirigida pelo Professor Viegas Guerreiro, de secretário da *Finisterra*, de professor sem cadeira mas com muitos e variados aprendizes. Como nunca faltava ao serviço, todos podiam contar com ele, sem que deixasse de cumprir com zelo múltiplas tarefas.

Que era minucioso ninguém pode duvidar. Basta ler os seus textos, ou consultar a lista de afazeres que ele próprio preparou a seu respeito⁴. O cuidado que dispensava às obrigações que lhe eram confiadas assinala-se bem nas funções de secretário da revista *Finisterra*, especialmente exigentes quando ainda não havia computadores, quando muitos docentes nem sequer sabiam (ou queriam) escrever à máquina, sendo os textos entregues sob forma manuscrita, às vezes quase ilegíveis. A decifração dos manuscritos, a revisão das provas tipográficas, fossem da *Finisterra*, fossem das Memórias do Centro, ou de outras formas de divulgação das pesquisas dos investigadores, passava sempre por ele. Foi com o Dr. Machado Guerreiro que muitos dos futuros colaboradores da *Finisterra* – entre os quais me incluo – aprenderam a preparar e a rever cuidadosamente manuscritos e provas tipográficas.

Também podia ter formas de estar inesperadas. Quem não se lembra de ele dizer uma piada com um impenetrável ar sisudo? Às vezes deixava-nos mesmo a dúvida: estará a falar a sério, ou a brincar? Num contacto mais frequente e duradouro percebia-se o seu fino humor e a razão porque dedicou tanto da sua vida profissional às anedotas populares portuguesas. No dizer de Carlos Nogueira, “perante as mais de 3 500 anedotas do arquivo da Linha de Acção de *Recolha e Estudo de Literatura Popular Portuguesa*, Linha de Acção n.º 4 do Centro de Estudos Geográficos (...), A. Machado Guerreiro construiu a classificação mais coerente e completa de que dispomos para o anedotário português. Na primeira edição do seu *Anedotas. Contribuição para um Estudo* (Lisboa, Editorial Império, 1986), o autor organiza as mais de 2 000 espécies seleccionadas em 16 grupos e 112 rubricas num esquema permeável a novos conjuntos”⁵. A esta publicação seguir-se-ia outra – *Livro de Anedotas (da inocente à indecente)*, Edição Colibri, 1998 –, onde teoriza sobre a importância da anedota na vivência humana e transcreve mais de mil.

As anedotas foram um importante campo de estudo, mas não o único. Ao teatro popular dedicou também muito do seu tempo. O resultado mais visível está na coordenação e preparação das notas introdutórias aos 3 volumes do *Teatro Popular Português (I, Religioso, 1976; II, Profano, 1979; III, Açores, 1974)*; sobre este tema publicou, vários outros textos na *Revista Lusitana*. Nesta revista, fazendo jus à licenciatura, desvendava-se outro dos seus campos de pesquisa: a língua portuguesa⁶. As ligações do português a certas línguas africanas, a discutível introdução e uso quotidiano de alguns neologismos, dão conta de mais um aspecto das suas investigações.

⁴ A respeito das funções do Dr. Machado Guerreiro, ver neste número o contributo de S. Daveau.

⁵ <http://www.letras.up.pt/primeira prova/anedota.htm> [consultado em 3 de Outubro de 2007].

⁶ Ver neste número o texto de M. A. Galhoz e a biobibliografia organizada por S. Daveau e C. A. Medeiros.

Mas não se conhece uma pessoa apenas pelas obras palpáveis que perduram. A forma como ela está na vida, como se relaciona com familiares e amigos, como cumpre as suas obrigações profissionais, são aspectos maiores, ainda que apenas acessíveis aos que com ela privam de perto. Fui uma das que pude testemunhar as facetas que ficaram registadas e muitas outras, de que assinalo a enorme humildade de um homem culto. Culto, no sentido mais amplo da palavra, como nos ensinava o Professor Viegas Guerreiro. Pelo muito que com ele aprendi, deixo este testemunho de saudosa amizade.